
**A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO:
A BARBÁRIE EM TEMPOS DE *FACEBOOK***

**THE INFORMATION SOCIETY:
THE BARBARIAN IN FACEBOOK TIMES**

**LA SOCIEDAD DE LA INFORMACIÓN:
LA BARBARIE EN TIEMPOS DE FACEBOOK**

Glauca Silva da Rosa¹
Luciane de Melo Gonçalves Trojahn²
Elaine Conte³

RESUMO

Estamos passando por muitas mudanças influenciadas pelos avanços tecnológicos e científicos. Com isso, surge uma sociedade marcada pelo acesso à informação em versão instantânea, por meio *dos smartphones, ipads, tablets*, dentre outros instrumentos tecnológicos. O objetivo deste trabalho é realizar uma pesquisa exploratória em torno da questão da sociedade da informação, analisando, com a técnica do grupo focal, dois grupos na rede social *facebook* constituídos um por professores e outro por estudantes da educação básica da região metropolitana de Porto Alegre/RS. Trata-se de investigar como esses grupos focais estão percebendo os enfrentamentos e as barreiras tecnológicas que a sociedade inaugura no mundo. Com base nas experiências e nos dados coletados por meio da interação dos sujeitos participantes no grupo *online*, constatamos nesse ensaio que o grupo de professores vê a rede social como um instrumento que potencializa a aprendizagem e os aproxima dos estudantes, mas que inspira cuidados com o que é publicado. Já o grupo de estudantes está descobrindo outras funcionalidades para esse espaço que antes parecia servir apenas para conversar e para postar imagens, sem reflexão coletiva sobre estas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Sociedade da informação. *Facebook*.

ABSTRACT

We are undergoing many changes influenced by technological and scientific advances. With this, a society emerges marked by the access to information in instant version, through smartphones, ipads, tablets, among other technological instruments. The objective of this work is to conduct an exploratory research around the issue of the

Submetido em: 30/09/2019 – **Aceito em:** 06/07/2020 – **Publicado em:** 18/08/2020.

¹ Mestra em Educação pela Universidade La Salle (UNILASALLE). Especialista em Psicopedagogia e em Tecnologia da Informação e Comunicação em Educação. Professora da Educação Básica de Canoas/RS.

² Mestra em Educação pela Universidade La Salle (UNILASALLE). Professora da Educação Básica de Canoas/RS.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em Pedagogia e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle (UNILASALLE) e Líder do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/CNPq e membro do Grupo de Estudos sobre Filosofia da Educação e Formação de Professores - GEFFOP/CNPq.

information society, analyzing, with the technique of the focal group, two groups in the social network facebook constituted one by teachers and another by students of the basic education of the metropolitan region of Porto Alegre /RS. It is to investigate how these focus groups are perceiving the confrontations and the technological barriers that society inaugurates in the world. Based on the experiences and data collected through the interaction of the subjects participating in the online group, we find in this essay that the group of teachers sees the social network as an instrument that enhances learning and brings them closer to students, but inspires which is published. Already the group of students is discovering other functionalities for this space that previously seemed to serve only to talk and to post images, without collective reflection on them.

KEYWORDS: Education. Information Society. Facebook.

RESUMEN

Estamos pasando por muchos cambios influenciados por los avances tecnológicos y científicos. Con ello, surge una sociedad marcada por el acceso a la información en versión instantánea, por medio de los smartphones, ipads, tablets, entre otros instrumentos tecnológicos. El objetivo de este trabajo es realizar una investigación exploratoria en torno a la cuestión de la sociedad de la información, analizando, con la técnica del grupo focal, dos grupos en la red social facebook constituidos uno por profesores y otro por estudiantes de la educación básica de la región metropolitana de Porto Alegre/RS. Se trata de investigar cómo estos grupos focales están percibiendo los enfrentamientos y las barreras tecnológicas que la sociedad inaugura en el mundo. Con base en las experiencias y los datos recogidos a través de la interacción de los sujetos participantes en el grupo online, constatamos en ese ensayo que el grupo de profesores ve la red social como un instrumento que potencializa el aprendizaje y los aproxima a los estudiantes, pero que inspira cuidados con qué es publicado. El grupo de estudiantes está descubriendo otras funcionalidades para ese espacio que antes parecía servir sólo para conversar y para publicar imágenes, sin reflexión colectiva sobre éstas.

PALABRAS CLAVE: Educación. Sociedad de la información. Facebook.

INTRODUÇÃO

A sociedade tecnológica pungente da qual fazemos parte expande as formas de comunicação *online* e reafirma o gesto humano de criar ferramentas e instrumentos para a construção do conhecimento através da partilha de informações e do convívio comunicativo com a cultura digital. Os meios de comunicação interativa fazem parte da vida das pessoas, estando em suas casas, trabalhos, escolas, enfim, em todo o tempo e lugar. Eles podem servir para informar, divertir, ensinar, conversar, fazer amizades e formar opiniões, dependendo da forma como são usados, podem ser nocivos servindo apenas à distração e ao consumo ou benéficos ao pensar crítico e à emancipação⁴ (ADORNO, 1995). Nesta perspectiva, a educação é uma prática política que implica uma relação com o outro sujeito, no sentido de dar voz ao outro.

⁴ A tomada de posição pela emancipação significa o mesmo que fazer experiências intelectuais e pensar sobre a racionalidade, a conscientização e o ser humano autônomo, em defesa de uma educação para a contradição e para a resistência frente às enganações do mundo (ADORNO, 1995).

As pessoas podem ser influenciadas pelos meios de comunicação a todo o momento, seja por um programa da televisão ou por uma notícia da Internet. O advento da Internet, inimaginado por Adorno, é um instrumento de disseminação de conhecimentos e interação social, fazendo parte do cotidiano da sociedade contemporânea. Mas, assim como os demais meios de comunicação podem ter sua utilização voltada para o bem, através de seu uso em uma educação emancipatória com fins pedagógico-culturais, também podem inclinar-se para o mal, como foi o uso do rádio, na época do nazismo. Vale notar, “[...] sobre a pretensa *frieza* do ciberespaço, [que] as redes digitais interativas são fatores potentes de personalização ou de encarnação do conhecimento” (LÉVY, 2005, p. 162; grifo do autor).

Hoje, esse uso patológico e limitado da Internet também pode ser visto conforme Adorno (1995) descrevia como uma função semiformativa, deseducativa ou deformativa, de conteúdos irracionais e conformistas apreendidos socialmente. Isso ocorre quando o uso da Internet⁵ se volta para a divulgação de informações falsas, distorcidas ou para incitar a destruição, violências, crimes, preconceitos e articulação de pessoas em guetos, para disseminar a raiva a um grupo que pensa diferente. Tudo indica que devido ao excesso de historicização da educação (fixa e estática num mundo ilusório intramuros), abandonou-se a reflexão sobre a experiência imediata das tecnologias contemporâneas, causando a distorção e um maior investimento nos dispositivos organizatórios das tecnologias do que o incentivo à reinvenção, à reconstrução dos usos e à transformação das práticas pedagógicas em contato com a realidade.

Este artigo busca analisar os enfrentamentos e lacunas que a sociedade contemporânea vem sofrendo com esta nova cultura da pluralidade, que para muitos estudiosos não parece ser tão nova, mas que ainda está sendo discutida pelos diversos setores da sociedade como, por exemplo, no âmbito da escola. É nesse sentido que as linguagens líquidas e híbridas da modernidade englobam “[...] o texto escrito e a exploração de suas possibilidades gráficas, as distintas mídias imagéticas (gráficas, fotográficas e videográficas) e o som. Aí está um dos poderes mais significativos da escrita na nova mídia: reunir o texto com a imagem, assim como com outras mídias” (SANTAELLA, 2007, p. 335). A sociedade vive rodeada de informações desde a época socrática, mas até que ponto estas informações mediadas pelas tecnologias podem gerar conhecimentos dialógicos, para além de seu uso técnico naturalizado ou homogêneo? Como podemos formar cidadãos críticos e éticos no sentido da cultura do diálogo na prática social suscitando novos modos de aprender nas situações conflitivas da atualidade? Já dizia Adorno (1995) que existem conhecimentos que embora verdadeiros, tornam-se falsos

⁵ A Internet já é uma realidade mundial, interligando todos os países, as tendências da mobilidade dos telefones celulares, os serviços de governo eletrônico e as comunidades e redes sociais, mostrando uma descentralização entre pessoas e comunidades em mobilidade, via dispositivos portáteis de acesso sem fio às redes. Internet significa ligação entre redes, é o conjunto de todas as redes de meios físicos (linhas digitais, computadores, roteadores, etc.) e programas usados para o transporte da informação (LÉVY, 2005).

quando utilizados para interesses de poder comunicáveis e imutáveis de narrativas multimídia.

Ao alicerçar este estudo na teoria crítica, buscaremos analisar o uso do *facebook*⁶ como uma possibilidade de ampliar os horizontes da cultura digital no campo da educação, num jogo dialético de racionalidades plurais, de ampliação de narrativas e de veículos de comunicação descentrada. A partir da constituição de dois grupos focais utilizando a rede social acima mencionada, iremos discutir quais são os enfrentamentos da sociedade contemporânea. Os grupos foram compostos por estudantes de uma escola da região metropolitana de Porto Alegre/RS e outro grupo composto por professores da educação básica da mesma região.

A barbárie do século XXI

No século XXI predominam as redes de informação, o mercado, o dinheiro, o consumo, tendência a transformar o conhecimento em mercadoria (educação massiva). Por isso, conforme Sibilia (2012), a era contemporânea estimula modos performáticos de ser e estar no mundo, mais aptos a agir ante o olhar do outro ou mesmo diante da lente de uma câmera, do que a se retraírem na própria interioridade. Para a autora, há uma diferença entre o estudante leitor e o aluno/usuário midiático. Os estudantes parecem entediados diante dos dispositivos pedagógicos modernos e ao mesmo tempo vivem um bombardeio da mídia massiva, empobrecendo assim a conversação entre os atores desse processo de ensino e de aprendizagem, tornando os relacionamentos perversos e hierarquizados. Sabemos que não se pode ler sem interpretar, mas para atuar num mundo midiático o sentido não é fundamental e passamos a enxergar com a prótese de uma câmera de celular, em meio a uma cultura competitiva e utilitarista.

Cabe destacar que a palavra barbárie surgiu do grego para descrever nações primitivas, incultas ou atrasadas, revelando também o fracasso da escola e o retrocesso da humanidade (LIPOVETSKY, 2007; ADORNO, 1995). Por muito tempo, se assistiu a muitos atos autoritários que foram considerados uma “barbárie”, tais como a segunda guerra mundial e muitas outras ações extremistas e de idolatria que ainda presenciamos. Soma-se a isso, a questão do hiperconsumo e da hiperestimulação viciante (da centração do eu via *selfie*), que

⁶ “*Facebook* é uma rede social lançada em 2004. Este termo é composto por *face* (que significa cara em português) e *book* (que significa livro), o que indica que a tradução literal de *facebook* pode ser *livro de caras*. Inicialmente, a adesão ao *facebook* era restrita apenas para estudantes da Universidade Harvard, e logo foi a muitas universidades individuais” (<http://www.significados.com.br/facebook/>). Para conhecer as noções básicas de como elaborar grupos no *facebook* é possível consultar em: <<http://www.facebook.com/help/162866443847527>> Acesso em: 28 jan. 2018.

reproduz o vazio existencial e da própria corporeidade em uma tela de controle e vigilância em registros fotográficos digitais, para serem colocados e trocados via *facebook* (HAN, 2019). Nessa linha de raciocínio, Han (2019, p. 74) afirma que “o *Facebook* é o mercado da falta de caráter”, da incapacidade de desmistificar o que nutre a economia da imagem pronta e do acesso sem fronteiras do digital. “Na era da conexão, globalização e comunicação, um caráter sólido é apenas obstáculo e desvantagem. A ordem digital celebra um novo ideal. Chama-se o homem sem caráter, o liso sem caráter”. (HAN, 2019, p. 75).

Apesar do grande avanço da ciência e da tecnologia, a sociedade se encontra numa encruzilhada para compreender em que momentos elas podem ter um efeito positivo na cultura e em que momentos podem ter efeitos negativos ou de simples decadência de uma educação humanizada. A barbárie está à solta em nosso cotidiano e muitas vezes em atos e situações que nem percebemos, conforme enuncia também Adorno (1995, p. 119): “[...] a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório”, pois ela é conduzida pelo poder econômico e pela indústria cultural e de acordo com o próprio autor, isso traz um paradoxo desesperador, a saber, ou o sujeito renuncia a si mesmo e se aliena, ou ele se torna insociável e insensível. Tudo é mercantilizado e pasteurizado por esta cultura do entretenimento, doenças, amor e morte, assim como a facilitação dos conteúdos para os estudantes e a forma de tratamento dos clássicos, uma vez que é o consumo quem dita o humor das pessoas. Isso significa dizer, conforme argumenta Marx (1955, p. 123), “a barbárie reapareceu, mas desta vez ela é engendrada no próprio seio da civilização e é parte integrante dela. É a barbárie leprosa, a barbárie como lepra da civilização”. A própria civilização reificada causa o empobrecimento do mundo vivido e das relações intersubjetivas, passando a operar no desrespeito às diferenças, às tradições, *ethos* culturais, à imaginação, à alteridade e às relações com o meio ambiente (poluição, envenenamento, degradação).

Historicamente, recebemos notícias dos mais diversos meios midiáticos sobre o Oriente Médio, a Europa, os Estados Unidos e até mesmo do Brasil sobre as barbáries que o mundo vem causando e sofrendo. Na verdade, os atos podem ser brutais contra milhares de pessoas, como as barbáries do chamado Estado Islâmico, ou podem surgir de uma publicação ofensiva numa rede social, que causa o aniquilamento de culturas pelo rompimento do diálogo ou suicídios (pela exposição pública sobre questões íntimas, constrangimento, invasão de privacidade). Nesta perspectiva é que podemos notar que a barbárie não está somente no ato de violência física, mas “podemos dizer que Theodor Adorno estava coberto de razão *quanto aos perigos e benesses dos veículos de comunicação de massa. Além destes, certamente cada um de nós poderia citar um bom e um mau exemplo nesse sentido*”. (KIRSHNER; CIPOLINI, 2013, p. 104).

Para que tenhamos uma sociedade baseada na paz e no respeito mútuo, de acordo com Adorno (1995), precisamos orientar a educação para o problema do déficit de racionalidade nos termos da experiência formativa dialética. A formação autêntica enquanto reconciliação entre o ser humano e o mundo, a preservação das condições aprendentes da experiência formativa no contato com o outro e na abertura à história são formas de evitar que ocorram novas barbáries como em Auschwitz. Tanto a educação como os meios de comunicação podem influenciar na formação de uma sociedade emancipatória e crítica, atribuindo importância à arte de se expressar e evitando autoritarismos. Afinal, tal compreensão implica encarar a realidade e as tecnologias sem preconceitos, imediatismos e com atenção, para resistir criticamente a elas.

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. [...] se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que mantêm vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. (ADORNO, 1995, p.119; 134).

Adorno (1995) destaca ainda a importância da educação na primeira infância, salientando que essa é a fase na qual o caráter da pessoa está em construção. Por isso, os princípios básicos do universo cultural devem ser transmitidos nesta fase para a garantia de uma boa educação que tenha sensibilidade e solidariedade com o outro. Nas palavras de Adorno (1995, p. 106-107), “o conjunto dos traços do caráter, mesmo no caso daqueles que perpetuam crimes em idade posterior, constitui-se já na primeira infância, a educação que pretenda impedir a repetição daqueles atos monstruosos deve concentrar-se nessa etapa da vida”. Tonucci (2005) também afirma que desde muito pequena (3 anos de idade), a criança inicia os processos da verdadeira democracia, elaborando a sua própria maneira de ver e de pensar o mundo.

A primeira infância é uma fase de extrema importância, assim precisamos focar a construção de uma proposta consistente que auxilie na formação da personalidade do sujeito, assim como em uma base pedagógica sólida que trabalhe a socialização da criança e a construção do pensamento dos estudantes. É importante destacar que a criança é membro da sociedade e como tal se torna agente nas transformações sociais. É nesse sentido a observação de Fortuna (2005), de que a reinvenção humana depende de bons princípios e da atenção que os adultos dedicam às crianças, ilustrando uma educação vinculada ao humanismo e que pensa a infância diante da prevalência dos interesses técnico-científicos e mercadológicos de coisificação dos sujeitos.

As ideias de Adorno (1995) servem perfeitamente para identificar a crise dos dias atuais, pois aborda temas que estão cada vez mais em evidência e de extrema necessidade para abordar a insensibilidade humana diante da reificação das relações e da ausência de um diálogo cultural. A família como base da construção da personalidade desse indivíduo é a primeira instituição social na qual ele faz parte, é a base afetiva, de valores e de educação, tendo importância primordial

na formação do caráter da pessoa. Dessa forma, educação e família, devem ter como finalidade uma educação emancipatória, formando sujeitos autocríticos, psicologicamente preparados de forma a identificar as próprias limitações, de aprisionamento em ações utilitaristas deformadas pela modernização capitalista. Ainda de acordo com Kirshner e Cipolini (2003, p. 102-103):

[...] para que a teoria de Adorno se torne algo palpável, é preciso que ocorra uma mudança de postura global, que se inicia em casa e na escola – visto que nas condições atuais estão formando pessoas autoritárias através da competição e tornando-se um local de exclusão, como vemos pelos diversos casos de *bullying* – e alcança altos escalões governamentais mundo afora. Não bastaria somente a divulgação da teoria adorniana, para que possamos evitar novas atrocidades, que, por sinal, já são bem conhecidas da humanidade. A educação emancipatória, que preza a autocrítica do indivíduo ante seus próprios atos e dos demais, escapa dos moldes industriais a que tem sido submetida a educação e a cultura, de modo a produzir sujeitos críticos que possuam consciência a ponto de identificar as próprias barbáries num contexto em que estejam inseridos e controladores de seu impulso destrutivo.

Adorno (1995) ressalta a necessidade de um trabalho conjunto entre educação e psicologia, visando um trabalho de práticas contextualizadas, que seja contrário ao individualismo, à coisificação (de si e do outro) e à massificação. A educação infantil precisa propor diferentes linguagens para expressar-se, para incorporar e repensar experiências compartilhadas, confrontando diferentes formas de (re)conhecer, comunicar, aprender e educar-se.

Mesmo que o esclarecimento racional não dissolva diretamente os mecanismos inconscientes — conforme ensina o conhecimento preciso da psicologia —, ele ao menos fortalece na pré-consciência determinadas instâncias de resistência, ajudando a criar um clima desfavorável ao extremismo. (ADORNO, 1995, p. 135).

Dentro do contexto tecnológico da sociedade atual, precisamos modificar as formas de educação industrializada e massificada, para que não ocorram situações onde o aprendizado seja focado em situações de medo, tendo como base as ameaças sociais, mas de criação e de descoberta da subjetividade do outro, como possibilidade de atribuir novos sentidos intersubjetivos (de aprendizagens evolutivas culturalmente). De acordo com Adorno (1995), é necessária uma educação voltada à formação integral do sujeito (aspectos objetivos, subjetivos e sociais) e também à repressão e ao controle dos impulsos destrutivos, que normalmente se instalam na ausência do pensar.

É possível utilizar os meios de comunicação de forma benéfica, na tentativa de evitar essa cultura industrializada, trabalhando valores, atitudes éticas sempre abertas à reflexão e a ação, cooperação, cuidado consigo e com o outro, resgatando a autonomia, a criticidade e a capacidade de amar e de sensibilizar-se com os sentimentos das demais pessoas.

No desenvolvimento histórico do homem, ou o processo de humanização, que Adorno caracteriza como progresso da civilização, o homem cria melhores condições com os avanços tecnológicos, mas à medida que se humaniza, utiliza-se desses novos recursos para *dominar*, cometer atrocidades contra a própria espécie, há um retrocesso que é anticivilizatório ou desumano. (XAVIER et al., 1995, p. 1).

Assim, podemos encontrar atualmente essas práticas pedagógicas que trabalham com os meios de comunicação e as tecnologias com os estudantes e professores de forma benéfica, despertando para a capacidade integradora da racionalidade humana. A contradição da práxis educativa reside entre a necessidade de transmissão de uma cultura existente (tarefa conservadora) e a tarefa de criação de uma nova cultura (revolucionária e transformadora da própria cultura). Por isso, assuntos emergentes como o *facebook* exigem a disposição ao diálogo, ao conflito e à problematização do saber através da diversidade da linguagem. O interesse pedagógico precisa trazer para o debate a ação dos sujeitos (crianças e jovens) em suas preocupações e interesses humanos enraizados no cotidiano social e contextual.

Comunicação de massa: um olhar sobre o facebook

Como dissemos antes, o *facebook* é uma rede social que tem por finalidade unir seus usuários em rede e traz diferentes desdobramentos nos últimos tempos. É nesse sentido que Fernandes (2011) defende que o *facebook* é um tipo de rede social de comunicação massiva devido ao número de usuários registrados. O *facebook* ou *face* como seus usuários costumam chamar é um instrumento que pode ser usado na prática pedagógica, principalmente na promoção da cooperação e interação no processo educativo. Essa interação surge principalmente pelos comentários e perfis, pela participação criativa em grupos de discussões ou pelo uso dos aplicativos de jogos. Nessa mesma linha de raciocínio, Fernandes (2011, p. 13) diz que “o *facebook* permite a construção crítica e reflexiva de informação e conhecimento”.

O *facebook* transformou-se nos últimos anos em um dos mais utilizados veículos de comunicação instantânea, formador de opinião entre as pessoas, além de ser uma das redes mais populares mundialmente. Essa preocupação também é compartilhada por Lemos (2013, p. 161), ao defender que os meios de comunicação “são uma extensão do homem”. Ainda, conforme o autor, “o meio, o ambiente é um fundo no qual o jogo em sociedade se desenrola tendo como agente principal os meios de comunicação de massa eletrônicos” (LEMOS, 2013, p. 161). Portanto, pensar na rede social do *facebook* é reconhecer a materialidade da comunicação e o papel que ela tem na constituição da sociedade e da cultura. Ao partir desta ideia, no primeiro semestre de 2015, de março a maio, foi realizado um estudo de dois grupos de discussão no *facebook*, um com professores e outro com estudantes da educação básica da região metropolitana de Porto Alegre/RS, com intuito de investigar como esses grupos estão

percebendo os enfrentamentos e as tensões que a sociedade vem sofrendo nos últimos anos, sob a influência destes contextos interativos. Tendo em vista que, “novas abordagens sobre a aprendizagem emergem com a naturalização das tecnologias digitais na vida das pessoas, integrando e interagindo com os diversos movimentos e quadros analíticos no interior da própria psicologia e com outros domínios do conhecimento” (OLIVEIRA, 2015, p. 18). A partir da perspectiva de desenvolvimento do trabalho com grupos focais, tornou-se possível o levantamento de questões relevantes e contextualizadas, bem como a construção de um roteiro preliminar de trabalho.

Um grupo focal tem sua constituição e desenvolvimento em função do problema de pesquisa. O problema precisa estar claramente exposto, e a questão ou questões a serem levadas ao grupo para discussão dele decorrem. Nesse sentido, há certo grau de teorização sobre o tema em foco, que o pesquisador deve ter elaborado para seus propósitos [...]. (GATTI, 2005, p. 17).

Portanto, trata-se de uma técnica que pode ser usada quando o foco de análise é o grupo, uma vez que a cooperação e o entendimento mútuo só pode se dar na perspectiva do participante. Desse modo, o grupo focal pode representar pela interação dos membros, pesquisadores e pesquisados, uma compreensão aprofundada das relações estabelecidas nas experiências compartilhadas, que podem ser alvo de exame crítico, além de uma possibilidade de diálogo e reflexão. Estes grupos foram construídos a partir de interesses afins entre os seus participantes. O grupo dos professores teve como elemento sensibilizador o debate sobre o documentário “A educação e os desafios de nosso tempo”⁷. A partir deste vídeo, discutimos quais eram os enfrentamentos e provocações da sociedade contemporânea em uma era das transformações e revoluções digitais.

Em resumo, destaca-se, dentre as tendências dominantes, a mudança no papel dos professores como resultado da naturalização do uso das tecnologias e o impacto de redes sociais, como o Facebook e o Twitter que estão na agenda de muitas escolas. Também, o crescente aumento no foco dos Recursos Educacionais Abertos, bem como no uso crescente de ambientes de aprendizagem *online*, a par de ambientes de aprendizagem tradicionais, contribuem para a criação de novos modelos de ensino e de aprendizagem e novas formas de avaliação. Os professores reconhecem a potencial influência dos recursos educacionais abertos nos processos e práticas de ensino, tal

⁷ Documentário disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=xK mzke6gH5A>>. Acesso em: 25 mar. 2018. Também a conferência “Escola, Humanismo e Tecnologia”, realizada pela educadora Monica Gardelli Franco (em 12/5/2011), pode ser trazida como discurso paradoxal das relações contraditórias sobre as tecnologias de informação e comunicação no universo escolar para repensarmos os desafios e tendências atuais, no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=PCfUcJyNaRE>> Acesso em: 25 mar. 2018.

como a utilização de ambientes de aprendizagem híbridos como desencadeadores de novas formas de aprender. (OLIVEIRA, 2015, p. 20).

Os professores relataram que as ferramentas do *facebook* contribuem de maneira evolutiva para a aprendizagem, pois por meio dos grupos os estudantes podem interagir e compartilhar informações. No entanto, eles destacaram como problema a mera reprodução de informação sem consultar a sua veracidade, devido a frágil competência digital dos estudantes. Na perspectiva de Sibilia (2012, p. 71), “uma das queixas mais comuns dos professores, por exemplo, é o ato de copiar e colar material da internet se generalizou”. Já no *facebook* o compartilhamento tornou-se automatizado e generalizado e não existe uma preocupação da maioria dos usuários sobre o que estão publicando. Conforme a professora Carla⁸ (2015), “*os alunos tem e gostam de usar o 'face', mas não sabem usar adequadamente. Muitas vezes publicam informações sem consultar se é verdade e outras vezes aproveitam que podem ser anônimos para cometer atos de bullying*”. Outro fator levantado pelos professores foi a questão do *bullying*, pois é uma forma de agressão mesmo que no *facebook* ela seja verbal, muitas vezes se materializa em física, como podemos verificar na fala da professora Maria (2015): “[...] *vemos nos noticiários cotidianamente que as gangs marcam encontros por meio das redes sociais*”. A realidade cotidiana é diretamente influenciada pela organização em redes globais e pode ser constituída por laços de uma formação deficitária, fazendo com que as pessoas estabeleçam relações socioculturais alienadas e empobrecidas culturalmente. Reconhecemos, então, a necessidade de uma formação permanente dos professores e estudantes, para que dialoguem rumo ao pensar complexo e de aproximação comunicativa dos diferentes mundos, superando as perversas separações entre nativos e imigrantes digitais⁹.

Na medida em que todos nós estamos sujeitos aos efeitos das tecnologias parece ter se diluído as fronteiras das fases do desenvolvimento, e tanto a criança, o adulto e o velho estão vulneráveis aos efeitos das redes sociais. Os conhecimentos e os processos de aprendizagens evolutivos com o outro favorecem as necessidades e o desenvolvimento de renovadas condições de educar, formar e formar-se.

⁸ Para distingui-los das citações que sustentam teoricamente este trabalho, os excertos das falas dos sujeitos participantes aqui expostos por nomes fictícios estão grafados em itálico.

⁹ Talvez o diálogo de aprendizagem em rede entre “visitantes” (apenas recolhe informações da Web) e “residentes” (habitam as redes), é o que melhor responde às interações e ao comportamento das pessoas relacionado ao uso da tecnologia de diferentes maneiras, dependendo da “motivação e contexto”, sem diferenciação de idade (WHITE; LE CORNU, 2011).

Por meio dessas manifestações, podemos obter dados importantes sobre o que alunos e professores pensam acerca da educação, da escola e dos sujeitos que a compõem e, de modo mais amplo, sobre a totalidade da existência social. Pensamos que os reflexos dessa desorientação no ambiente escolar podem ser percebidos em outros espaços de comunicação que não estão na escola – como a sala de aula –, mas que constituem ambientes que tendem a aglutinar coletividades – mesmo que por meio de um laço social pobre –, constituindo instâncias essenciais em uma realidade cada vez mais influenciada pela organização em redes. Dessa maneira, esse espaço privilegiado, caótico e coruscante pode contribuir para a compreensão sobre os modos como esses sujeitos se atraem, se rechaçam e se interpretam em um contexto de experiência formativa lesada que culmina em semiformação. (OLIVEIRA; ZUIN, 2001, p. 571-572).

Também no primeiro semestre de 2015, foi realizado um projeto pedagógico em uma escola de ensino fundamental de um município da região metropolitana de Porto Alegre, que também envolveu o trabalho educativo com o uso da *facebook*, com estudantes do quinto ano. Esse trabalho foi desenvolvido nas aulas de Informática Educativa, no Laboratório de Informática e fez parte do projeto pedagógico em que toda a escola estava envolvida, intitulado “Identidade”. Foi trabalhado com o tema identidade de estudante, o que isso significava para eles e sua importância. De acordo com Hall (2011) e Bauman (2005), a relação entre identidade e pertencimento acaba se tornando relativa para o sujeito, pois a pessoa pode habitar em certo país ou cultura (que corresponde ao lugar), mas se identificar e pertencer a outro tipo de grupo social, estilo de vida, mesmo não sendo característico do estado natural e local.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. (BAUMAN, 2005, p. 17).

A escola na qual o trabalho se desenvolveu está passando por transformações, pois será construída uma nova escola neste local. Por isso, parte da escola velha foi desmanchada e salas provisórias em PVC foram montadas para realocar os estudantes até que a construção seja concluída. Parte do prédio da escola velha ainda está em pé sendo utilizada para uso administrativo, direção, laboratório de informática, sala dos professores, banheiros e refeitório e sala do Projeto Mais Educação. Todo esse processo de transformação pelo qual a instituição passa, despertou grande interesse nos estudantes, notadamente pela questão da identidade de estudante na escola em transformação.

A construção da identidade do sujeito pós-moderno altera a percepção de eternidade, pois ela se modifica acelerando, encurtando e aproximando a lógica de tempo e espaço, com isso, o que se entendia como eterno, passa a ser mais volúvel. O mesmo ocorre com o entendimento da identidade, que antes era permanente e estanque, na contemporaneidade passa a ser virtualizada e perene. (AZEVEDO, 2015, p. 5).

Foi então trazida a proposta de fazermos um trabalho que trouxesse a visão dos estudantes, através de registro fotográfico e do *facebook*, como um espaço para postagens de fotos, comentários e trocas. Após este primeiro contato e aceitação do grupo, detalhamos o conceito de identidade digital, sendo esta construída por um conjunto de informações e características a partir do histórico das interações e publicações que o sujeito tem dentro de um determinado espaço digital virtual. A aprendizagem impulsionada pela conectividade via *facebook* influencia no modo como as pessoas se comunicam e interagem, possibilitando a reinvenção de si em outras identidades virtuais e em outras possibilidades de exercer o papel social. Daí esta plataforma para partilhar ideias, práticas e aprendizagens nos obriga a ter uma distância que é também uma distância crítica e não reprodutivista, conservadora e apassivada da informação (distorcida ou não), de explorar os diferentes sentidos e contextos formativos e cooperativos. De acordo com Freire (1992, p. 26), atuar de maneira diferenciada do que é convencional significa que “cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros [...] o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los”.

Algumas informações ficam disponíveis *online* para acesso de qualquer pessoa, outras são restritas ao usuário o que implica no cuidado para que outro sujeito não utilize indevidamente sua identidade, que pode ser roubada ou distorcida. Todos os conceitos foram trabalhados em debates com as turmas, juntamente foram passados alguns vídeos informativos sobre o tema identidades digitais, cuidados e segurança na Internet, refletindo sobre o que é postado na Internet e as consequências das postagens. Termos de consentimento e autorização para uso da imagem dos estudantes no *facebook* foram solicitados. Com os educandos que quiseram, foram criadas contas de e-mail e no *facebook*, explicando o seu uso. Foi percebido que muitos dos estudantes apesar de utilizarem seguidamente o *facebook*, não conhecem todas as suas funcionalidades, pois na maioria das vezes, só utilizavam para conversar ou postar imagens, sem reflexão sobre o assunto. Para Freire (1987, p. 33), “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”. Nesse sentido, podemos pensar a comunicação pelo *facebook* com base na ideia de uma abertura recíproca entre as diferentes narrativas com suas particulares racionalidades movimentadas pela busca da discussão livre, com uma intencionalidade de constatar novidades, conflitos, assim como indícios de mudança social.

[...] a narração oral no meio digital é uma outra representação, uma organização híbrida em constante mutação. Não é fixa nem autoritária. Em pouco tempo – que tempo? horas? minutos? segundos? – o que verei não será mais a forma inicial, porque ela já foi desmontada e remontada e transformada numa narração que não é mais minha. (BUSATTO, 2007, p. 117).

Neste contexto, a educação participa do debate pelo meio digital que é uma práxis sociocultural onde nos interrogamos se as inovações tecnológicas implicam em inovações pedagógicas ou em formas de ressignificação dos saberes antigos, buscando pelo diálogo entre os diferentes mundos culturais. Na experiência formativa realizada formaram-se grupos de trabalho, para que cada grupo utilizasse e se apropriasse de uma tecnologia digital, por meio de fotos, e um integrante da equipe seria o responsável por postá-las. Cada grupo fotografou a escola e as mudanças de acordo com seus critérios, sua visão de mundo e foram postados no *facebook* (em grupos criados pela professora responsável).

[...] uma fotografia capta e preserva um momento do tempo; uma imagem criada no computador não reside em nenhum lugar ou tempo. Imagens, digitalizadas no computador, depois editadas, montadas, apagadas ou embaralhadas, dão a impressão de levar a um colapso as fronteiras normais de passado, presente e futuro. (RUSH, 2006, p. 2).

Algumas implicações sociais das tecnologias digitais revelam características estéticas próprias da percepção e (re)conhecimento desses aparatos tecnológicos no processo formativo correspondendo às exigências de uma cultura sócio-política, que está voltada tanto para as competências (competitiva e tecnocrática) e os ditames da produção de mercadorias, quanto para a produção de saberes e capacidades condizentes com o desenvolvimento de uma racionalidade aprendente das dimensões cognitivo-instrumental, prático-moral e estético-expressiva. Alguns pais acessaram o *facebook*, auxiliaram nas postagens, comentaram ou curtiram, indicando que a experiência com este recurso não somente renova a interpretação dos mundos e necessidades dos participantes, como intervém também nos elementos cognitivos, normativos e sociais, de práticas correntes, modificando a maneira como aprendemos uns com os outros. Esse trabalho ainda está em fase de revisão e conclusão em relação a esse mesmo contexto de análise para enxergá-lo criticamente, pois alguns grupos ainda não postaram as suas fotos. A continuidade será os comentários dos estudantes ou grupos sobre o trabalho, sobre a escola que queremos e qual o nosso papel nessa construção e exposição para a comunidade escolar e mostra de trabalhos do município. Contudo, podemos já perceber que outros sentidos para o *facebook* foram construídos com os estudantes, pois antes era somente usado para conversar, postar ou repassar imagens e mensagens, sem pensar sobre o agir. Para Adorno (1995, p.131), “os homens inclinam-se em considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens”. Uma nova prerrogativa e reflexão sobre os conteúdos, publicações e acesso à Internet

está sendo construída com esse grupo de educandos, de modo a pensarem em seus atos e consequências diante de si mesmo e dos outros. Um trabalho que está em processo de construção e revisão constante, mas que demonstra resultados através dos comentários nos debates das aulas de informática da escola.

Considerações finais

Com base no que foi exposto da investigação realizada em torno da problemática multifacetada das tecnologias digitais, acreditamos que dentro do atual contexto de sociedade em que estamos inseridos, o *facebook* é uma rede de comunicação aberta e um veículo formador de opinião, pois ele altera o processo de transmissão cultural e de interação entre os sujeitos. Nessa perspectiva, é muito importante incorporar esse artefato tecnológico no meio educacional e engajá-lo criticamente junto às práticas pedagógicas que podem potencializar o ensino e aprendizagem, de maneira que contribua para formação de sujeitos autônomos e reflexivos sobre os conteúdos e (des)informações que acessam.

Como vimos, o trabalho alinha-se às possibilidades e aos desencaminhamentos das tecnologias digitais na educação, uma vez que tanto podem ser benéficas para dialogar com diferentes perspectivas da pesquisa em educação, com usos voltados para a reflexão e construção cooperativa de significados, quanto trazer malefícios reducionistas ao ensino quando submetidas à sociedade de hiperconsumo e hiperestimulação. Há fortes evidências de que o excesso de estímulos digitais prejudica a concentração e a capacidade de estudar e aprender dos sujeitos. As tecnologias digitais podem ter um papel importante na validação dos saberes para assegurar, na diversidade de abordagens de mundo, o aprimoramento da educação, mas os professores precisam compreender em que momentos elas podem ter um efeito positivo e em que momentos podem representar a simples decadência do ensino. Tratando dessa abordagem, Adorno (1995) defende que a educação emancipatória deve proporcionar ao estudante o desenvolvimento de uma consciência de si e dos outros, um preocupar-se com os outros e seus sentimentos, auxiliando assim na formação da personalidade autônoma, reflexiva e evolutiva. Para concluir, entendemos que com o vigor da autocrítica nos contextos das redes sociais podem surgir novas possibilidades de aprendizagem evolutiva, de reconhecimento mútuo e transformação que poderá guiar todo o esforço humano de reaprender com as adversidades e barbáries produzidas socialmente, favorecendo o tratamento dos problemas educacionais como alternativa à reeducação coletiva.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor W.. **Palavras e sinais**. Modelos críticos 2. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis, Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor W.. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AZEVEDO, Thiago Guimarães. Identidade Digital: A crise das identidades no ciberespaço. **Artefactum**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-15, 2014. Disponível em: <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/viewFile/225/280>> Acesso em: 26 jan. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: Tradição e Ciberespaço. Petrópolis: Vozes, 2007.

FERNANDES, Luís. **Redes Sociais Online e Educação**: Contributo do Facebook no Contexto das Comunidades Virtuais de Aprendentes, 2011. Disponível em: <http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1992.

FORTUNA, Tânia Ramos. A reinvenção da infância. **Pátio**, Porto Alegre, v. II, n. 6, p. 18-21, 2005.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

KIRSHNER, Renato; CIPOLINI, Marli O. A educação contra a barbárie: um confronto entre os ideais adornianos e jonasianos. **Horizontes**, Universidade São Francisco, v. 31, n.1, p. 101-109, jan./jun. 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 5. ed. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARX, Karl. **Escritos econômicos**. Berlin: Dietz Verlag, 1955.

OLIVEIRA, Alessandro E.; ZUIN, Antônio A. S. Alunos e professores no Orkut: a educação escolar na arena ciberespacial. **Linhas críticas**, Brasília, v. 17, n. 34, p. 562-582, set/dez. 2011.

OLIVEIRA, Isolina. Aprendizagem e tecnologias: Tendências e desafios. **Revista Eletrônica de Educação - REVEDUC**, Universidade Federal de São Carlos, v. 9, n. 3, p. 17-29, 2015. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1339/433>> Acesso em: 27 jan. 2018.

RUSH, Michel. **Novas mídias na arte contemporânea**. Trad. Cássia Maria Nasser. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da modernidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

TONUCCI, Francesco. A verdadeira democracia começa aos três anos. **Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, ano 3, n. 8, p. 16-20, jul./out. 2005.

WHITE, David S.; LE CORNU, Alison. Visitors and Residents: A new typology for online engagement. **First Monday**, Chicago, v.16, n. 9, 2011.

XAVIER, Antônio Carlos et al. A educação após Auschwitz. **Pedagogia ao Pé da Letra**, 2012. Disponível em: <<http://pedagogiaaopedaletra.com/a-educacao-apos-auschwitz/>> Acesso em: 27 jan. 2018.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.